

LITERATURA PARA CRIANÇAS E JOVENS: VIAGEM E DESAFIO¹

Susana Ventura²

RESUMO

O ensaio trata da literatura para crianças e jovens produzida no Brasil e propõe aos leitores adultos um caminho de leituras por algumas das obras mais desafiadoras publicadas nas últimas décadas.

Palavras-chave: Literatura Brasileira. Literatura para crianças e jovens. Leitura.

ABSTRACT:

The essay aims to invite adults to a stroll around essential Brazilian Literature for Children and Young Readers. The focus is on defying books and the proposal is reading more and better the production for young people.

Keywords: Brazilian Literature. Brazilian Children's Literature. Reading.

CONVITE À VIAGEM

A boa literatura antecede os rótulos que surgem quando, diante de uma determinada produção, os leitores (de fruição ou críticos especializados) tentam agrupar, analisar, compreender melhor o que os deslumbra, perturba ou encanta. Assim ocorre com o que convencionamos chamar literatura infantil, infantojuvenil ou, como prefiro nomear, “literatura para crianças e jovens”.

Ana Maria Machado (1982), já nos ensinava sobre a particularidade do rótulo “literatura infantil”, que, ao contrário dos demais – literatura de autoria feminina, literatura inglesa etc. – que particularizam e restringem a análise ao que foi produzido por aquele grupo de pessoas que partilha de uma característica ou condição (gênero, nacionalidade), neste caso

1 Ensaio dedicado às críticas literárias da produção para crianças e jovens do Coletivo 4X4, Silvia Oberg, Angela Toledo e Stela Battaglia.

2 Doutora em Letras pela Universidade de São Paulo. Pesquisadora ligada ao Centro de Investigação sobre os Mundos Ibéricos Contemporâneos (CRIMIC, Sorbonne, Paris IV) e ao Centro de Literaturas Lusófonas e Europeias da Universidade de Lisboa (CLEPUL). Participa do Coletivo de Crítica Literária de Literatura para Crianças e Jovens 4X4, com Silvia Oberg, Angela Toledo e Stela Battaglia. Curadora na área de Literatura, realiza projetos para o SESC SP desde 2007.

específico, o adjetivo “infantil” aponta para que a literatura *também* possa ser lida por crianças.

A reflexão ainda me parece produtiva e capaz de gerar saudável inquietação, porque se há algo que o leitor adulto crítico tem em comum com o jovem leitor – tenha este jovem 1 ou 10 anos de idade, 1 ou 10 anos de familiaridade com o livro – é a partilha de uma experiência comum: a da infância. Tenha-se desse período da vida boa, má ou pouca lembrança, é uma experiência pela qual os leitores adultos críticos passaram e os jovens leitores estão vivenciando.

Livros feitos para crianças (em primeiro lugar, historicamente) e para jovens (bem mais tarde, quando se pensou que a apropriação de textos para adultos poderia ou deveria ser suplementada com textos elaborados para adolescentes) são, em geral, feitos por adultos. E a seleção dos livros que comporá o acervo das livrarias, bibliotecas públicas, bibliotecas escolares e estantes domésticas também está majoritariamente nas mãos de adultos e sujeita às particularidades individuais desses seres que não se sabe ao certo como se relacionaram com sua própria infância e como construíram sua história de leitura.

Realizar, portanto, um convite à viagem pela literatura para crianças e jovens neste momento é pensar especificamente no que vem sendo publicado no Brasil a partir da década de 1930 e, como diz Cecília Bajour,³ é mediado “até o escândalo” por adultos.

Bom, este é um texto para adultos e por isso não são necessários alguns dos filtros da delicadeza e da cuidadosa sensibilidade que precisamos usar para com aqueles que estreiam a vida e enfrentam a difícil tarefa de crescer: já estreamos há tempos, crescemos como pudemos, somos ou não leitores e é por aí que começa a viagem. Sem filtros, mas com apreço pelos que prosseguirão a leitura deste ensaio, farei agora tal qual Machado de Assis e digo a quem me lê: não tema, a viagem será o mais possível suave e agradável. Não é preciso abandonar este ensaio temendo aborrecimento ou inconveniência. Caro leitor, querida leitora, o que segue é viagem e desafio, mas desafio manso, que pode ser vencido aí mesmo da poltrona ou da cadeira do computador. Faço a promessa de que teremos emoção, belas paisagens e sutis mistérios. De pensamento, há muito, mas, como o rapé, pode ser tomado dele só o quanto baste a cada leitor ou leitora. Por favor, peço que permaneçam comigo.

3 Em palestra no ciclo “Conversas ao Pé da Página”, realizado no SESC Pinheiros no ano de 2012. Ensaio dessa intelectual argentina, que reflete seu pensamento em relação à leitura e aos leitores, podem ser lidos em *Ouvir nas entrelinhas: o valor da escuta nas práticas de leitura*. São Paulo: Pulo do Gato, 2012.

A VIAGEM: PRIMEIRA ESCALA

Adultos brasileiros familiarizados com o universo letrado são, como leitores, uma somatória de tudo o que ouviram de jogos sonoros, parlen-das, poesia oral, narrativas familiares e, em determinados círculos, tam-bém de leitura em voz alta. O Brasil é sociedade fundada na oralidade, nossa condição primeira, e que, via de regra, vem construindo sua relação com o universo escrito assentada fortemente no sistema escolar. A orali-dade nos marca e nos define sendo, para a maior parte dos brasileiros, fonte primordial de afeto, narratividade, enunciação poética. O repertório veiculado de maneira oral é determinante na formação do imaginário em qualquer quadrante, porém seu papel é ainda maior em casos como o nos-so, em que a relação com a cultura escrita tem sido construída e realizada, como já disse, majoritariamente através da escola.

Preciso da ajuda do estilo machadiano para prosseguir com a catego-ria que lhe peço emprestada: de que viagem de leitura eu falo quando me dirijo a você, meu leitor, minha leitora? Não sei, mas não podendo aguardar que cartas, mensagens e nem mesmo e-mails cheguem à “nossa re-dação”, devo prosseguir supondo que, cada um à sua moda, os prezados que continuam a ler este ensaio sejam leitores “de verdade”, daqueles que têm na leitura uma das formas de conhecimento, apreensão e diálogo com o que está à sua volta. E é só disso que esta ensaísta precisa. Desta ma-neira, tomo a liberdade, caro leitor, querida leitora, de respeitosamente embarcá-los nas citações abaixo elencadas, que serão três, para seguir a lógica das narrativas populares que tanto nos definem:

Citação 1

Era um livro grosso, meu Deus, era um livro para se ficar vivendo com ele, comendo-o, dormindo-o. E completamente acima de minhas posses.

Citação 2

Como contar o que se seguiu? Eu estava estonteada, e assim recebi o livro na mão. Acho que eu não disse nada. Peguei o livro. Não, não saí pu-lando como sempre. Saí andando bem devagar. Sei que segurava o livro grosso com as duas mãos, comprimindo-o contra o peito. Quanto tempo le-vei até chegar em casa, também pouco importa. Meu peito estava quente, meu coração pensativo.

Citação 3

Chegando em casa, não comecei a ler. Fingia que não o tinha, só para depois ter o susto de o ter. Horas depois abri-o, li algumas linhas mara-vilhosas, fechei-o de novo, fui passear pela casa, adiei ainda mais indo comer pão com manteiga, fingi que não sabia onde guardara o livro, acha-va-o, abria-o por alguns instantes. Criava as mais falsas dificuldades para aquela coisa clandestina que era a felicidade.

As três citações são do conto “Felicidade Clandestina”, de Clarice Lispector, no qual a narradora conta, para adultos, o seu encontro com um livro especial na infância, o inesquecível *Reinações de Narizinho*. A espetacular construção que a escritora consegue e através da qual nos mergulha num universo de emoções marcado por uma sensorialidade quase vertiginosa conta um grande e marcante encontro entre a jovem leitora e o livro-objeto de desejo.

A pergunta agora é: quantos de nós tivemos um encontro marcante com o universo letrado? E se desdobra em outra: aqueles dentre nós que tivemos o encontro marcante: somos leitores ainda?

Se continuarmos nesta viagem, é bem possível que tenhamos interesse pela produção de livros para crianças e jovens ou que simplesmente tenhamos embarcado para ver a paisagem. Pois bem, chegamos aqui a um primeiro porto e vamos fazer uma escala. Desçamos com cuidado. A terra é estrangeira: a Grã Bretanha. O século é o XX, bem em seu início. E a obra é *Peter e Wendy*, do escocês J. M. Barrie, em que o narrador, um adulto, contará para o leitor (qual?) sobre a mente das crianças, terras do nunca e...

Citação 4

Não sei se você já viu o mapa da mente de uma pessoa. Os médicos às vezes desenham mapas de outras partes do nosso corpo, e esse mapeamento pode vir a ser algo interessantíssimo, mas veja como é quando eles tentam desenhar o mapa da mente de uma criança, que não apenas é confusa como ainda fica girando o tempo todo. Há linhas e ziguezague no mapa, como num gráfico de temperatura corporal, e elas são, provavelmente, estradas da ilha; pois a Terra do Nunca é sempre mais ou menos uma ilha, com assombrosos salpicos coloridos aqui e ali, e recifes de coral e embarcações suspeitas ao largo, e índios e tocas solitárias e gnomos que são na maioria alfaiates, e cavernas por entre as quais corre um rio, e príncipes com seis irmãos mais velhos e uma cabana caindo aos pedaços, e uma velhinha pequenina com nariz curvo. [...] Para todo o sempre, crianças imaginativas chegarão a essas praias mágicas em seus barquinhos. Nós também já estivemos lá; ainda podemos ouvir a rebentação das ondas, mas nunca mais desembarcaremos.

No caso brasileiro, a popularização de Peter Pan se deu primeiro com Monteiro Lobato, que realizou tradução e adaptação do texto de Barrie e também acolheu Peter Pan no Sítio do Picapau Amarelo, início de viagem leitora para muitas meninas como a narradora/protagonista de “Felicidade Clandestina”. Mas é tempo de largarmos amarras e partirmos para a próxima escala, esta em terra conhecida (será?).

SEGUNDA ESCALA: O BRASIL

Os caminhos de leitura de uma vida foram tão variados quantos variados somos os adultos leitores. Mas ao chegarmos a este ponto proponho um desafio: olhar para alguns livros produzidos no Brasil e destinados a crianças e jovens. Estamos em terra firme e é preciso adentrar um caminho ainda desconhecido (ou já caminhado outrora, mas há tempos, e que devido à ausência de passantes ficou de novo quase impenetrável. O mato cresceu, os cipós se enrolaram e a aparência geral do que temos pela frente é um emaranhado de vegetação que iremos afastando à medida que formos andando).

A ensaísta agora organiza uma expedição e roga aos leitores e às leitoras que prossigam com ela. Para começar o caminho, vamos à poesia.

Ou isto ou aquilo, de Cecília Meireles; *Boi da cara preta*, de Sérgio Capparelli; *Poesia Fora da Estante*, coordenação de Vera Aguiar, colaboração de Sissa Jacoby e Simone Assunção, com ilustrações de Laura Castilhos; *Antologia Ilustrada da Poesia Brasileira para crianças de qualquer idade*, organização e ilustrações de Adriana Calcanhotto; e *Limeriques do bípede apaixonado*, de Tatiana Belinky, com ilustrações de Andres Sandoval são cinco maneiras diferentes de adentrar o caminho e se aproximar da poesia brasileira de alta qualidade, em livros nos quais vale a pena parar e descansar da viagem. De épocas bem distintas – o mais antigo da década de 1960, o mais novo já dos anos 2010 – representam o que de melhor se tem produzido no País em termos de poesia destinada às crianças. Os três últimos são muito interessantes em termos de consequimento como objeto diferenciado, tendo *design* gráfico desafiador, ilustrações realizadas com forte relação com o texto, emprego de cores e papel que tornam o livro realmente atraente.

A história do mais clássico deles, o de Cecília Meireles, primor de linguagem e de poeticidade, espelha o que acontece com a maior parte dos livros essenciais para crianças e jovens da literatura brasileira: recebem várias e sucessivas edições, com mudanças de formato, ilustradores diferentes e projetos gráficos também diversos. Pelo caminho ficou a história desses livros e o que se encontra à venda na atualidade é uma edição bela, mas à qual falta cuidado, informação crítica e um trabalho de equipe que revele a grandeza da obra da autora. Mesmo assim a visitação a qualquer das edições a que se tenha acesso propiciará grande prazer de leitura.

Depois de abastecidos de poesia e razoavelmente supridos de livros que, como objeto, representam pequenos e agradáveis oásis de fruição estética, é momento de prosseguirmos a nossa expedição para a parte do caminho que chamarei de “vastidão”.

VASTIDÃO

A vastidão está narrada em prosa e aqui começa com Monteiro Lobato, especialmente em *Reinações de Narizinho*, obra inaugural de um dos mais fantásticos conjuntos já escritos no Ocidente para crianças, em que um elenco fixo de personagens passa por aventuras e dialoga com a tradição e a modernidade numa linguagem envolvente, com graça e muito humor. Recomendo aos caminhantes que não façam grandes desvios pois esta parte do caminho é muito bela e se torna ainda melhor se, ao prosseguir, puderem se deter um pouco em *O Picapau Amarelo* e *Memórias da Emília*. O prazer reservado aos que fizerem parada em Lobato não pode ser narrado por esta ensaísta (que pensa que, só nesta parada, um leitor adulto pode ter algo entre 3 dias e 70 anos de momentos inesquecíveis). Mas ainda assim se ousa lembrar, caros leitores, queridas leitoras, de Jorge Luís Borges (referindo-se a Robert Louis Stevenson e seus livros de piratas), que dizia que havia obras que não poderiam ser consideradas dentro da crítica literária, por constituírem uma “forma de felicidade”.

Há um adendo para aqueles que forem mergulhar nas águas de Lobato antes de prosseguirmos: há muitas edições a que podem chegar. Se forem às estantes dos sebos, as das bibliotecas públicas, àquelas das casas dos amigos ou parentes, irão se deparar com talvez dezenas de formatos, com projetos gráficos e ilustrações das mais variadas, algumas delas pensadas ainda por Monteiro Lobato. Qual a melhor? Aquela que ainda está por vir é a resposta. A obra anda pedindo por boas edições críticas e por uma História de suas edições. O sabor do texto, no entanto, em qualquer delas, é para paladares dos mais variados. Saboroso, desafiador, humano, generoso, atento, genial, desprezioso, refinado, todos são adjetivos que podem ser usados, mas o melhor é deixar que julguem por si.

Para aqueles que prosseguem agora, a expedição ousa avançar no tempo para as vastidões de autores que em sua maioria nasceram nas décadas de 1930 e 1940.

A obra de Lygia Bojunga é uma vastidão em si, mas para esta expedição vamos parar em *A bolsa amarela* e *Tchau*. O primeiro é o livro mais conhecido da autora. A protagonista Raquel e sua bolsa amarela na qual ela guardava as três vontades (crescer logo, ser menino e se tornar escritora) têm acompanhado gerações (em grande parte graças aos recém-desaparecidos programas de compras oficiais de livros para bibliotecas públicas, escolares e para crianças das escolas públicas). A cada leitura, o adulto, que porventura tenha lido essa obra quando criança, se vê diante de novas descobertas ou, ao menos, rememora o seu “eu” perdido no tempo em que esteve com Raquel pela primeira vez.

Já *Tchau* é menos conhecido pelo público que leu avidamente *A bolsa amarela*. Trata-se de um livro com quatro contos, dos mais desafiadores que, inclusive, um leitor ou leitora adulta pode enfrentar. Creio que acertado ao dizer que o leitor ou a leitora pode não ter lido *Tchau* ainda. A mãe que está dividida entre um novo amor e o cuidado dos filhos, a amizade complicada entre um menino de classe média e um morador de uma favela carioca nos anos 1970 são temas que assustam os leitores maduros que se aproximam do livro pela primeira vez e questionam: mas este livro é para crianças e jovens leitores?

Pois bem, é para isto que estamos em expedição, para enxergarmos um caminho novo que podemos ter trilhado em parte, de que tivemos alguma notícia, mas que antes não foi percorrido por nós antes da maturidade leitora. Há ainda mais algumas paradas, que deixarei que façam de acordo com seu desejo e que constituem parte dessa vastidão: *O gênio do crime* e *Sangue Fresco*, de João Carlos Marinho; *Marcelo, Marmelo, Martelo* e *Procurando firme*, de Ruth Rocha; *Bisa Bia, Bisa Bel*, de Ana Maria Machado; *Sua Alteza, a Divinha*, de Angela-Lago; *O rapaz que não era de Liverpool*, de Caio Ritter. Os caminhos aqui podem se aprofundar e conduzir a imensidões que não cabem numa só expedição, num só ensaio.

Aos que decidirem prosseguir agora comigo, desçam aqui esse barranco com cuidado, segurem-se nesses galhos para o próximo passo. Pronto, agora acompanhem com o olhar os lugares onde fixo os meus pés para garantirem a segurança. Vamos passar por aqui devagar e no tempo que cada um precisar.

VASTIDÃO 2: ESCOLHAS, QUESTÕES POLÍTICAS, O DESTINO MUDANDO A VIDA DAS CRIANÇAS E JOVENS

Aqueles que não se sentirem bem para passar por aqui, por favor, aguardem ali, naquela planura, onde a contemplação da natureza ocupará o tempo que os demais usarão para esta etapa. Voltaremos para cá para retomar o caminho dentro de algum tempo.

Então, para os que estiverem prontos, vamos!

Pé cá, pé lá, cuidado. Agora olhem aqui: se apoiem nesta árvore. Pronto, aqui estamos. Escuro? Vou acender uma lanterna. Uau, lindo não é? Luminoso, sem dúvida. É também delicioso e dá para parar alguns minutos e ler todo *O barbeiro e o judeu da prestação contra o sargento da motocicleta*, de Joel Rufino dos Santos, um daqueles conseguimentos literários incríveis. Um livro de diálogos sensacionais, de personagens vibrantes: o pássaro que assobia a canção proibida; aquele barbeiro; o judeu da prestação, que sobe o morro com seu mostruário de presentes para todas as

ocasiões; a família do menino que quer saber sobre o sabãozinho misterioso “feito de gente” que o vendedor judeu carregaria. O sargento ameaçador: será que a força vai vencer o sonho? Tudo solto, lindo, emocionante, amedrontador. A prisão (e possível tortura) do barbeiro libertário. A profunda humanidade que une as personagens em torno da bondade, da generosidade, do desejo de viver a vida com alegria.

Ah, aqui ao lado está *De olho nas penas*, de Ana Maria Machado, um livro sobre exílios, identidades e como isso é percebido por Miguel, que tem “oito anos, dois pais, e uns cinco países pelo menos” e que, às vezes, não consegue “muito bem arrumar todos esses números dentro da cabeça. Ou somar, diminuir, multiplicar e dividir tudo isso dentro do coração”. Uma narrativa que nos leva pela América Latina, nos faz cruzar fronteiras e nos colocar diante de nossos vizinhos tão pouco conhecidos e com os quais temos tantos laços comuns. Incrível, não é? E esse é mais um dos livros que está presente em muitas estantes de bibliotecas pelo Brasil todo, graças aos programas que compravam livros como esses para o País.

Caros caminhantes, penso em nossos parceiros que ficaram ali para trás e aos quais precisamos nos juntar novamente. Mas, antes disso, temos tempo para mais uma experiência, tão boa quanto necessária nesta etapa: água e mais um livro. Um livro necessário e belo. O mais recente do conjunto, ele foi publicado já no século XXI. *A trágica escolha de Lupicínio João*, de Maria José Silveira. As escolhas que são determinantes numa vida humana e que, muitas vezes, se apresentam no início da adolescência. Lupicínio João está diante de uma escolha essencial no momento em que descobre que ele pode ter tudo: por linhagem é possível a ele ter poder ilimitado. Mas não sem pagar por isso um preço que pode ser alto.

Sinto ter de apressá-los, mas é preciso prosseguir. Sim, claro, tragam consigo os exemplares desses livros, eles ainda podem ser encontrados à venda, não estão esgotados, felizmente (embora, se não nos mexermos muito após o final desta expedição, eles possam vir a ser itens de coleção e passarem a constituir acervo de algum museu).

Voltemos para junto dos demais.

VASTIDÃO 3: QUEM SOMOS? (NOSSAS MEMÓRIAS...)

Na vastidão, temos o brilho dos livros que investigam, que falam aos jovens leitores sobre o passado das muitas famílias que vieram para o Brasil. *A menina que fez a América* e *A menina que descobriu o Brasil*, de Ilka Brunhilde Laurito; *Transplante de menina*, de Tatiana Belinky; e os emocionantes *Os livros de Sayuri* e *Orie*, de Lúcia Hiratsuka, nos conduzem ao passado em narrativas das mais encantadoras. A imigração e seus desafios

têm nesses livros lugar central e realizar sua leitura oferece a oportunidade de pensar em questões que são essenciais para se estar criticamente posicionado nos tempos que correm. Compreender a trajetória de antepassados também ocupa posição central em *Gosto de África e Zumbi*, de Joel Rufino dos Santos; *Meu avô Apolinário* e *Histórias de Índio*, de Daniel Munduruku; e o *As fabulosas fábulas de Iauaretê*, de Kaká Werá Jecupé.

A vastidão do Brasil também ganha contornos de ancestralidade revisitada com *Contos e fábulas do Brasil*, de Marco Haurélio (responsável também pela interessantíssima proposta bem executada da Coleção Clássicos em Cordel, que representou um marco na entrada da literatura de Cordel na Literatura para Crianças e Jovens). O cordel ganhou ainda uma leitura realmente notável em três livros idealizados pela artista plástica Rosinha em trabalho para a cuidadosa Editora Projeto, do Rio Grande do Sul: trata-se da trilogia *Palavra Rimada com Imagem*, que trouxe a obra de Leandro Gomes de Barros para crianças, jovens, professores, adultos e apaixonados em geral, em edição histórica que consegue contemplar leitores em diferentes estágios de maturidade.

Caros participantes da expedição, esta parada é no território das emoções provocadas por esse passado coletivo, em que cada um levará o tempo desejado para explorar as veredas que lhe parecerem as mais interessantes. Já anoitece e é tempo, então, de montarmos acampamento e repousarmos até que amanheça.

MANHÃ DE ASSOMBROS

A bela manhã pede livros que são o resultado do encontro de linguagens, da capacidade do encontro humano, da sofisticação gráfica que permite inovações e da sensibilidade de artistas que podem se expressar com plenitude em livros nos quais imagem, texto e projeto gráfico não devem ser dissociados.

Cena de rua, *O cântico dos cânticos*, *Minhas assombrações* e *Psiquê*, de Angela-Lago⁴; *A árvore do Brasil*, de Nelson Cruz; e *Roupa de Brincar*, de Eliandro Rocha e Elma, com projeto gráfico de André Neves e a mão editorial precisa de Márcia Leite (Pulo do Gato) nos farão companhia nesta etapa. Aqui desfrutamos das imensas possibilidades de educação visual e capacidade de aproveitamento do livro de papel e podemos vivenciar a experiência leitora de modo a perspectivar os últimos cem anos de produção de livros para crianças e jovens no Brasil. Aqui chegamos, mas as dúvidas que agora se colocam são: aqui permaneceremos? Por quanto tempo?

4 Menciono apenas esses títulos da autora porque é preciso limitar-se ao essencial numa expedição como a nossa, pois a obra de Angela-Lago tem se destacado pelo rigor de pesquisa e pelo resultado gráfico primoroso.

A difícil situação em que as editoras se encontram há cerca de três anos e que se agudizou em 2016 quando da certeza de que não haverá novas compras oficiais tão cedo (ou talvez não mais nos mesmos moldes), a crise econômica profunda em que o País se encontra e o desemprego que assombra a todos os participantes da cadeia do livro não deixam por enquanto que vejamos caminhos para a continuação de trabalhos na área editorial. Resta saber se este novo período de dificuldades não espelhará o que ocorreu durante a mais recente ditadura militar (iniciada em 1964), quando criadores realizaram obras de grande voltagem literária e visual. Será que do momento presente emergirá algo semelhante no futuro?

HORA DE PARTIR UMA VEZ MAIS

É chegado o momento de levantarmos acampamento e regressarmos ao nosso ponto de partida.

Caro leitor, querida leitora, agora passo a questões cujas respostas dependem de nós como coletivo de leitores.

Quem somos o “nós” que participamos desta expedição? Quem somos os que, adultos, estão lendo este ensaio? Quantos de nós tornamos a, pelo menos, tentar desembarcar nas praias das Terras do Nunca? Quantos sonhamos com o pó-de-pirlimpimpim? Quantos proporemos novas viagens por essas terras?

A viagem prossegue para cada um de nós a partir de agora. Ou cessa quando cessarem as linhas deste ensaio. O que realmente escolheremos? E o que faremos com a escolha que realizarmos a partir de agora? Será possível levarmos para nossos campos de trabalho diários algo do que ocorreu nesta expedição? Que outros caminhos você, caro leitor, você, querida leitora, nos apontam?

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Vera. *Poesia fora da estante*. Porto Alegre: Editora Projeto, 2002.
- BAJOUR, Cecília. *Ouvir nas entrelinhas – o valor da escuta nas práticas de leitura*. São Paulo: Pulo do Gato, 2013.
- BARRIE, J. M. *Peter Pan. Peter & Wendy seguido de Peter Pan em Kensington Gardens*. Tradução de Rodrigo Breunig. Porto Alegre: L&PM, 1998.
- BELINKY, Tatiana. *Transplante de menina*. São Paulo: Moderna, 1980.
- _____. *Limeriques do bípede apaixonado*. Com ilustrações de Andres Sandoval. São Paulo: Editora 34, 2008.
- BOJUNGA, Lygia. *A bolsa amarela*. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2000.
- _____. *Tchau*. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2002.

- CAPPARELLI, Sérgio. *Boi da cara preta*. Porto Alegre: L&PM, 1980.
- CALCANHOTTO, Adriana. *Antologia ilustrada da poesia brasileira para crianças de qualquer idade*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2012.
- CRUZ, Nelson. *A árvore do Brasil*. São Paulo: Peirópolis, 2008.
- HAURÉLIO, Marco. *Contos e fábulas do Brasil*. São Paulo: Nova Alexandria, 2010.
- HIRATSUKA, Lúcia. *Os livros de Sayuri*. São Paulo: SM, 2006.
- _____. *Orie*. Rio de Janeiro: Pequena Zahar, 2014.
- JECUPÉ, Kaká Werá. *As fabulosas fábulas de Iauaretê*. São Paulo: Peirópolis, 2007.
- LAGO, Angela. *Sua Alteza, a Divinha*. Belo Horizonte: RHJ, 1990.
- _____. *O cântico dos cânticos*. São Paulo: Paulinas, 1992.
- _____. *Psiquê*. São Paulo: Cosac & Naify, 2009.
- _____. *Cena de rua*. Belo Horizonte: RHJ, 1994.
- _____. *Minhas assombrações*. Porto Alegre: Edelbra, 2010.
- LAURITO, Ilka Brunhilde. *A menina que descobriu o Brasil*. São Paulo: FTD, 1994.
- _____. *A menina que fez a América*. São Paulo: FTD, 1989.
- LISPECTOR, Clarice. *Laços de família*. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.
- LOBATO, J.B.R.M. *Reinações de Narizinho*. São Paulo: Brasiliense, 1976.
- _____. *O picapau amarelo*. São Paulo: Brasiliense, 1976.
- _____. *Memórias da Emília*. São Paulo: Brasiliense, 1976.
- MACHADO, Ana Maria. *Bisa Bia, Bisa Bel*. Ilustrações de Regina Yolanda. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
- _____. *De olho nas penas*. Ilustrações de Gerson Conforto. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- _____. *Contracorrente*. Conversas sobre leitura e política. São Paulo: Ática, 1998.
- MEIRELES, Cecília. *Ou isto ou aquilo*. Com ilustrações de Odilon Moraes. São Paulo: Global, 2012.
- MUNDURUKU, Daniel. *Meu avô Apolinário*. São Paulo: Studio Nobel, 2008.
- _____. *Histórias de índio*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 1996.
- RITTER, Caio. *O rapaz que não era de Liverpool*. São Paulo: SM, 2006.
- ROCHA, Eliandro. *Roupa de brincar*. Ilustrações de Elma. São Paulo: Pulo do Gato, 2015.
- ROCHA, Ruth. *Procurando firme*. São Paulo: FTD, 1990.
- _____. *Marcelo, Marmelo, Martelo*. Rio de Janeiro: Salamandra, 1992.
- ROSINHA. *Coleção Palavra Rimada com Imagem*. Porto Alegre: Projeto, 2009. 4 v.
- SANTOS, Joel Rufino. *O barbeiro e o judeu da prestação contra o sargento da motocicleta*. São Paulo: Moderna, 2007.
- _____. *Gosto de África*. São Paulo: Global, 1998.
- _____. *Zumbi*. São Paulo: Global, 2007.
- SILVEIRA, Maria José. *A trágica escolha de Lupicínio João*. São Paulo: Scipione, 2012.